

ENSINO DE GEOGRAFIA E OS SEUS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: RESPEITANDO AS DIFERENÇAS

Fernando Florencio da Silva

Aluno do Curso de Geografia da UEPB- Campina Grande, bolsista do
PIBID/CAPES/UEPB. E-mail: nandobq66@gmail.com

Juliana Nóbrega de Almeida

Professora do Departamento de Geografia da UEPB- Campina Grande
Email: julianageografia@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Ainda há certa falta de conhecimento quando se utiliza as palavras integração e inclusão como sinônimos na educação, tendo em vista que ambas possuem significados e objetivos muito diferentes. Segundo Mantoan (2006, p.194):

Os vocábulos “integração” e “inclusão”, conquanto tenham significados semelhantes, são empregados para expressar situações de inserção diferentes e se fundamentam em posicionamentos teórico-metodológicos divergentes.

Pode-se compreender a “integração” como o processo de inserção de pessoas com deficiências, principalmente físicas, em escolas ditas regulares. Segundo Mantoan (2006, p.195):

O movimento surge nos países nórdicos, em 1969, e tem por princípio a normalização de pessoas ditas não “normais” para sociedade, que podem ser inseridas tanto em escolas regulares, quanto em escolas especiais.

Sendo assim, integrar seria colocar os alunos em conformidade com as exigências pré-estabelecidas do sistema educacional, de forma que, a maior mudança se constitua nos discentes e não no sistema. Nesta perspectiva as escolas, principalmente as especiais, devem tornar os alunos “normais”, para que posteriormente sejam inseridos na sociedade.

Diferentemente da integração a inclusão busca a transformação social quanto às concepções sobre o diferente, o que é ser diferente? E reestruturar a escola para que ela seja capaz de incluir a todos, não apenas os que possuam qualquer deficiência, mas todos que socialmente foram excluídos, tais como: os

menos favorecidos economicamente, grupos étnicos e linguísticos minoritários, os superdotados, alunos com altas habilidades, entre outros.

A educação inclusiva abrange um discurso bem maior do que o da integração, tendo em vista que, exige uma transformação social urgente quanto à concepção do que é ser diferente, já que todos somos diferentes uns dos outros. Além de uma transformação da própria escola, do currículo, da formação dos professores e dos outros profissionais que compõem o corpo escolar, inclusive das disciplinas escolares como é o caso da Geografia.

Conforme dito anteriormente, a Geografia deve contribuir com a educação inclusiva, principalmente por que este é um desafio da atual sociedade e função social da escola. Quebrando com paradigmas que ainda persistem em existir. A escola enquanto espaço e a educação enquanto elemento do espaço deve ser transformado e valorizado, proporcionando um ambiente que favoreça a aprendizagem, para todos.

Ou seja, a educação só será inclusiva se se prestar a exterioridade, ou seja, se esses novos alunos envergarem a escola com suas diferenças e a modificarem. E ao mesmo tempo teremos uma educação inclusiva quando tais crianças e jovens puderem passear a céu aberto com toda exuberância de suas diferenças. (Abramowicz, 2006, p. 8).

Nessa perspectiva, no Brasil uma das preocupações mais pertinentes à educação inclusiva diz respeito à formação de professores, dentre estes os de Geografia, que de forma ainda muito escassa foram produzidas literaturas que se digam consistentes em nível de solucionar tal questão, mas que com pioneirismo abrem a discussão sobre a temática. Segundo Almeida e Sampaio (2009, p. 9):

Particularmente, ao ser abordado o Ensino de Geografia, sob a ótica da Inclusão Social, no início do século XXI, coloca-se como questão principal o (des)preparo do(a) professor(a) de Geografia, na medida em que deve-se considerar que esse profissional tem, apesar de suas limitações, grande potencial em se tornar o(a) educador(a) a fazer a diferença no processo de Inclusão Social, pois a Geografia (seja enquanto ciência ou disciplina escolar) possui atrativos que dão possibilidades de desenvolvimento de trabalhos / projetos pedagógicos capazes de despertar o interesse de educandos de diferentes idades, bem como condições cognitivas e econômicas.

Desta forma, a discussão sobre a temática ainda é muito nova e necessita de um trabalho intenso para solucioná-la, por isso, o principal objetivo desse estudo é refletir de maneira teórica os caminhos para efetivar uma Geografia Escolar que busque uma totalidade humana e social. Assim uma das maneiras de materializar este fato é por meio da prática da educação inclusiva, estimulando o conhecimento e o potencial dos alunos em sua diversidade.

METODOLOGIA

A metodologia que efetiva a relevância desse estudo, parte de uma visão exploratória, com uma abordagem qualitativa. Nesse sentido o presente estudo, caracteriza-se por construir uma pesquisa bibliográfica, com obras que fundamentam essa problemática, vale destacar que a literatura ainda não é vasta dentro do campo da Geografia, fato este que impulsionou levantar os questionamentos da pesquisa, para trazer uma nova contribuição, seguindo as teorias de Vessentini (2007), Almeida e Sampaio (2009), Mantoan (2006), e Abramowicz (2006) que enriquecem ainda mais o trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Educação Inclusiva a priori surge como um paradigma, porém esse é um momento de quebrar as correntes impostas pelo sistema de produção capitalista, sobretudo para as escolas, que ditou quem teria acesso a esse espaço, excluindo um considerável grupo social, que historicamente foi considerado como um público secundário. Assim, a educação inclusiva não surgiu ao acaso, ela é um produto histórico, social, cultural e educacional, sobretudo com o período técnico científico, ou seja, período em que novas posturas precisam ser adotadas pela sociedade, com o intuito de romper preconceitos e estereótipos.

Pode-se citar a transformação que a educação sofreu com a abertura para o acesso a escola de uma parcela da população marginalizada e que estava excluída desse espaço, ocasionado pela revolução técnica-científica, inclusive ampliando a oportunidade de escolarização em vários níveis. Como afirma Vessentini (2007, p.20):

Com as atuais mudanças no mercado de trabalho, suscitadas pela revolução técnico-científica, o capitalismo necessita cada vez mais de uma força de trabalho qualificada e com elevada escolaridade.

As transformações no quadro educacional afetaram todas as disciplinas escolares, dentre elas a Geografia, que até então servia basicamente para memorização de fatos, principalmente físicos, de nomes de lugares e/ou regiões geograficamente importantes. Em 1970 com a Geografia Crítica, que tem como pressupostos básicos a construção crítica do saber e o engajamento, como afirma Vessentini (2004, p. 223):

Criticidade entendida como uma leitura do real – isto é, do espaço geográfico – que não omita as tensões e contradições, tal como fazia e faz a geografia tradicional, que ajude a esclarecer a espacialidade das relações de poder e dominação. E *engajamento* visto como uma geografia não mais “neutra” e sim comprometida com a justiça social, com a correção das desigualdades socioeconômicas e disparidades regionais.

Neste contexto é importante levantar discussões sobre as implicações que a conjuntura educacional sofreu, tanto no aspecto mais abrangente da educação, como num mais restrito ao ensino de Geografia, e dentro destas, a preocupação com a educação inclusiva fruto de tais transformações, que cabe a Geografia Crítica discuti-lo e posicionar-se diante desta temática essencial para os dias atuais, para se entender os conflitos territoriais e as desigualdades dos espaços, regiões e lugares.

Partindo desta premissa, a Geografia possui ferramentas teóricas e conceituais que podem contribuir com a Educação Inclusiva tornando-a realidade, porém é preciso pensar na Educação Inclusiva para atual sociedade, em múltiplas escalas, seja local ou global, unido as instituições sociais que tem o dever de educar como consta na LDB (1996): a família, a escola e o Estado, buscando alcançar uma prática educativa para todos, onde as palavras de ordem são: respeito à diferença, socializar, humanizar, emancipar, transformar, valorizar e mudar, entrando nessa sintonia as disciplinas escolares e especialmente a Geografia não podem se omitir diante desse processo.

A Geografia não é neutra, uni as abordagens sociais e ambientais, conhecimentos imprescindíveis para construir na escola os elementos norteadores de uma postura e atitude inclusiva, onde o aluno

independentemente de ser deficiente ou não precisa de orientações, por isso deve estar claro no currículo escolar e das suas disciplinas, inclusive da Geografia, a valorização da acessibilidade e da permanência de todos os alunos na escola, esse percurso esta em construção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações na escola e na educação devem ser realizadas juntamente com a sociedade civil organizada, buscando eliminar a exclusão. Pode-se considerar que com o advento da Educação Inclusão as discussões sobre novas propostas para o ensino de Geografia deverão vir a tona com intensidade de forma que tais propostas venham suprir as necessidades exigidas por esta reforma, cumprindo com o real objetivo da disciplina, que é construir um saber crítico sobre espaço geográfico e suas dimensões.

REFERÊNCIAS

VESENTINI, J. W. **Realidades e perspectivas do ensino de geografia no Brasil**. O ensino de geografia no século XXI. Campinas-SP, p. 219-248, 2004.

VESENTINI, J. W. **Educação e ensino da geografia: instrumentos da dominação e/ou libertação**. A geografia na sala de aula. São Paulo. 8º Ed, p.14-33, 2007.

MONTOAN, M. T. E. **O direito de ser, sendo diferente, na escola. Inclusão e Educação: dose olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo, p. 183-211, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em: 10 de agosto de 2014.

ABRAMOWICZ, Anete. (2001). **Educação inclusiva: incluir pra quê?** Revista Brasileira de Educação Especial, v.7, n.2, 2001. Disponível em: < http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista7numero2pdf/1abramovich.pdf> Acesso em: 10 de agosto de 2014.

ALMEIDA, D. C. S; SAMPAIO, A. A. M. **Ensino de geografia, sob a ótica da inclusão social no início do século XXI**. EMPEG. Porto Alegre-RS, 2009. Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20\(32\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20(32).pdf) Acesso em: 10 de agosto de 2014.